

Em vez de uma cadeira da UA num G-21: Jeffrey Sachs deve liderar Conhecimento

Coligação para Reforçar o Poder para a redução ou então Parar a Exploração de África

Por: Babafemi Badejo

Professor de Ciência Política/Relações Internacionais

Universidade de Chrisland, Abeokuta, Nigeria

ffembee@yahoo.com +2348055331448

As Nações Unidas realizaram uma pré-cimeira sobre Sistemas Alimentares de 26 a 28 de Julho de 2021, como preparação para a sua primeira Cimeira Mundial da Alimentação, a realizar em Setembro de 2021. Nesta reunião, Jeffrey Sachs, o popular Economista Americano, bem como Enviado Especial da ONU para os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), fez uma importante intervenção. Muitos africanos ficaram entusiasmados com o facto de Sachs ter apelado para que a União Africana, representando 1,4 mil milhões de pessoas, tivesse um lugar num G-20 que se transformaria assim em G-21. A ênfase dos meios de comunicação tem sido o tokenismo de uma sede da UA, em vez de muitas questões convincentes que Sachs eloquentemente repetiu.

Uso repetido porque este sistema de pensamento data de uma longa linha de agitadores pela independência de África e estudiosos tais como o Dr. Walter Rodney em *Como a Europa subdesenvolveu a África*, e mais recentemente, a Dra. Arikana Chihombori-Quao em muitos discursos e vídeos do YouTube para além da sua *Africa 101: A Chamada de Despertar*. Arikana foi despedida como Embaixadora da União Africana nos Estados Unidos pela União Africana. Muitos africanos, tal como eu, viram este despedimento como uma forma de punição. Ela ousou salientar que os colonialistas nunca deixaram a África e mostrou como continuam a roubar e a explorar África.

Sorte para Arikana ter apenas perdido o seu emprego. Walter Rodney perdeu a sua vida. Foi assassinado em 1980, aos 38 anos de idade. Não tenho conhecimento de que o enigma de quem matou Rodney tenha sido alguma vez resolvido. No entanto, este ilustre cidadão da Guiana vive através dos seus trabalhos como um grande herói africano não cantado. O Prémio Nobel iludirá sempre os gostos de Rodney. Se o seu tipo tivesse sido reconhecido, teria levantado questões sobre a ortodoxia de que os problemas da África assentam unicamente sobre os ombros africanos.

É extremamente útil e esperançoso ter um Economista Americano a articular e mostrar a importância da dinâmica externa no subdesenvolvimento contínuo de África. Pediu à reunião pré-cimeira para aprofundar a história da razão pela qual a República Democrática

do Congo (RDC) continua em tumulto e pobreza. Embora Arikana se tenha articulado sobre este tema do Ocidente causando tumultos em África a fim de extrair recursos, Jeffrey Sachs observou com razão as extracções da reivindicação do Rei Leopoldo da Bélgica à posse do Congo através do assassinato de Patrice Lumumba pela CIA e instalação de Mobutu Sese Seko Kuku Ngbendu Wa Za Banga. Arikana detalha vários assassinatos de outros líderes visionários de África, bem como o derrube de outros por colonialistas que operam sob um modo diferente de imperialismo referido como neocolonialismo.

Jeffrey Sachs apontou correctamente a extracção pela Glencore de cobalto da RDC sem responsabilidade ou responsabilização pelas reivindicações de soberania do governo da RDC mas pagando impostos no país de origem da Glencore pelo seguro de protecção contínua sob a contínua desestabilização da paz na RDC - afinal de contas, as armas não são fabricadas na RDC.

Arikana tinha chamado a atenção para a exploração dos africanos através de empréstimos da arena mundial - especialmente do Ocidente, incluindo das instituições de Bretton Woods. Naturalmente, os EUA levaram algumas potências europeias, no final da Segunda Guerra Mundial, a conceber uma ONU a nível político e as instituições de Bretton Woods a nível económico, não para ter festas de chá mas para reconstruir e controlar o mundo pelos seus interesses, sendo o arquitecto o primus inter pares (primeiro entre iguais). Os iguais na altura estavam limitados ao Reino Unido e à França. Foram concedidos direitos de veto Token à Kuomintang China e à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), agora Rússia. Claro que, em termos de tokenismo, o Egipto, a Etiópia, a Libéria e a África do Sul do apartheid tinham uma presença simbólica na fundação da ONU. Só eram necessários para fomentar a pretensão de ter uma entidade multilateral que fosse "unida".

As pretensões dos europeus à posse de África foram ratificadas pelo acto dos EUA de avançar com a formação da ONU sem insistir na autodeterminação e na necessidade de todos os territórios serem livres e estarem sentados à mesma mesa desde o início. Porque deveriam os EUA, o primus inter pares, insistir por um lugar à mesa para os africanos? É novo que os europeus a teriam acusado de interferência e provavelmente chamado a atenção para a situação não salutar das relações raciais na América, uma situação que beneficiou e construiu a América nas costas do povo negro ao longo dos séculos?

Para mim, o que é importante são os milhares de milhões de africanos, e não a mera representação política do Enviado da UA num G-21. Será que ter o Enviado da UA na reunião do G-21 vai além do protocolo de ter apenas uma sede africana por uma questão de formalidade? Não seria um ponto de referência para legitimar o tokenismo para os africanos?

Tal como era no início, assim permanece. Nem o Secretário-Geral da ONU nem os Presidentes das instituições de Bretton Woods se atrevem a e pedir o fim da contínua extração e exploração estruturada dos africanos. Os líderes africanos também não são

exonerados. A maioria deles saqueia o seu continente e esconde o produto do seu saque com a cobertura das grandes potências do Ocidente. Com efeito, existe uma comunhão de interesses entre os maus líderes africanos e as potências externas que roubam a África.

Não estou a desculpar a maioria dos líderes africanos do seu fracasso em fazer avançar a África, apesar dos esforços activos para assassinar todos os que se mostraram promissores no desenvolvimento de África. Se alguns líderes asiáticos pudessem estar concentrados e agitar-se através de um subdesenvolvimento estruturado, teria de haver suficientes desculpas eternas para o fracasso dos líderes africanos assegurarem uma vida melhor para o seu povo. Os maus líderes africanos deveriam ter reconhecido os espinhosos caminhos do desenvolvimento e evitá-los, criando vias alternativas.

Tiro o chapéu a Jeffrey Sachs, mesmo que ele seja mais tolerante com a má liderança africana. Afinal, os líderes africanos valorizam mais os Ocidentais. No entanto, aprecio a actualidade de Sachs durante a sua intervenção, apelando à equidade das vacinas, em oposição ao açambarcamento de vacinas em relação à pandemia global de Covid-19. Sachs observou que só os EUA conseguiram angariar 7 triliões de dólares em empréstimos - a juros zero - para combater o flagelo quando os africanos não angariaram nem um centimo/centimo nem um yuan. Assim, foi possível ao Ocidente implementar lockdowns com um pouco de cara humana, ao contrário do que aconteceu em África.

Como de costume, os líderes africanos acharam mais fácil ir atrás de doações de vacinas por meio do acordo COVAX. Devo ser grato aos contribuintes ocidentais por ter recebido duas doses de vacinas AstraZeneca por meio dessa modalidade, mesmo que os interesses europeus agora digam que as vacinas AstraZeneca produzidas na Índia não terão direitos iguais às feitas na Europa e provavelmente na América.

Claro, os africanos são ingênuos se pensam que as vacinas que estão recebendo são por amor. Declarar que a versão indiana da AstraZeneca não está à altura da facilidade de passagem na Europa mostra o interesse preferencial de longo prazo nos fluxos financeiros na compra de vacinas. Este interesse material é separado do medo dos mutantes Covid-19, que preocupam a humanidade em geral.

O relativo abandono do vírus Ebola na África fala muito, já que esse vírus não era tão virulento fora da África.

Devemos abominar os tokenismos. Geralmente, eles jogam com a inteligência das pessoas. Também dão falsas impressões, o que neste caso é o fingimento de que 1,4 mil milhões de africanos são trazidos para a mesa. Assim, as minhas desculpas a Jeffrey Sachs por discordar do seu apelo a uma ONU mais forte e, ao mesmo tempo, querer um lugar para a União Africana no proposto G-21.

No final da Guerra Fria em 1990/1991, os países fracos apelaram a uma nova ordem mundial na qual as Nações Unidas seriam, para sempre, um coordenador mais forte do nosso

mundo. Boutros Boutros-Ghali deixou-se levar e pensou que o apelo era real. Aprendeu da maneira mais difícil quando o tapete foi puxado debaixo dos seus pés e tornou-se o único Secretário-Geral da ONU, até agora, não eleito para um segundo mandato. Confiou demasiado nos franceses para o salvar, continuando a vetar Kofi Annan com a esperança de que a decisão fosse para a Assembleia Geral, que se juntaria contra a América e lhe daria um segundo mandato. Os franceses negociaram e levantaram o seu veto a Kofi Annan e a história foi feita para ter um homem negro nos timões da ONU. Kofi Annan também pensou que poderia ser ousado no seu segundo mandato e dizê-lo com sinceridade, tal como o viu. Ele foi quase despedido. Em suma, apenas os países fracos anseiam por um forte multilateralismo.

Dos antecedentes, de que serve um Enviado da União Africana ter um lugar num G-21 para aderir: Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, China, França, Alemanha, Índia, Indonésia, Itália, Japão, República da Coreia, México, Rússia, Arábia Saudita, África do Sul, Turquia, Reino Unido, Estados Unidos e União Europeia? Para mim, não muito.

Estar à mesa não deve ser porque a África tem uma população de 1,4 mil milhões de habitantes. Estar sentado no G-21 deve basear-se na soma do património líquido material da União Africana, fazendo contribuições que valham a pena. Apesar da Nigéria, o G-20 tem a presença simbólica da África do Sul. Que tipo de comida a representação sul-africana oferece nas reuniões na África? De que serviria uma presença cerimonial à mesa, sem poderes de decisão? A presença da UA impedirá que as empresas ocidentais continuem com o subdesenvolvimento da África? Será que isso removerá a resistência europeia a que os africanos fabricem vacinas por meio do compartilhamento de conhecimentos? No mínimo, a presença simbólica legitimaria uma percepção errônea de que Jeffrey Sachs está inadvertidamente vendendo: a de um G-21 multilateral se viraria e passaria a servir aos interesses de desenvolvimento dos africanos.

O poder existe para reforçar os interesses. Sob a ideologia competitiva ocidental em oposição aos iorubás "Omoluabi" (carácter mais integridade imbuídos de um espírito que partilhamos) ou zulu "Ubuntu" (eu sou porque tu és espírito), seria ingénuo esperar que a concessão de um lugar à União Africana assegurasse a protecção dos interesses africanos. É uma piada pedir uma tributação mais elevada para os 2.700 bilionários do nosso mundo, para permitir que uma criança africana tenha acesso a água potável ou reduzir a taxa de mortalidade materna em África, não falar em garantir que os africanos gozem da máxima liberdade, o que eu tinha colocado como uma situação ideal para desfrutar da soma de todos os ODS que Jeffrey Sachs aconselha à ONU.

Não tenho qualquer problema se os três bilionários que querem criar gostos luxuosos e controlar as viagens espaciais vão viver no espaço e deixam os seus biliões para trás com instruções para usar os seus recursos para realizar os ODS como Sachs sugeriu na sua intervenção. Mas sabemos que a ideologia dominante na Terra não apoia tal orientação. Os

seus respectivos milhares de milhões seriam investidos para mais aquisições materiais, independentemente de precisarem ou não.

A propósito, será que o nosso mundo precisa realmente de um G-21 quando tantas agências da ONU estão a fazer o seu melhor, mas estão deliberadamente subfinanciadas, como Jeffrey Sachs correctamente observou? A Liga dos Estados Árabes (LEA); a Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN); a Organização dos Estados Americanos (OEA), etc., não deveriam ter direito aos seus respectivos lugares num G-24? Mais importante ainda, a sugestão de Sachs não irá minar ainda mais as Nações Unidas? Estou certo de que ele e eu estamos de acordo para uma ONU mais forte, mesmo sabendo que tal nunca irá acontecer.

Para mim, o Prof. Sachs poderia ser de grande ajuda para os 1,4 mil milhões de pessoas de África, provavelmente em oposição aos seus maus líderes, se ele dirigisse um estudo detalhado que se baseasse nos pensamentos de Walter Rodney, Arikana, etc., para desvendar os mecanismos de contínuo roubo e exploração dos africanos por interesses privados activamente apoiados pelos seus respectivos governos nacionais e pelas instituições de Bretton Woods, etc. Tal conhecimento pode ajudar à implementação de políticas que reforçam os ODS por um novo conjunto de líderes africanos propositadamente recrutados.